

O ESTUDO DAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS E A EXPANSÃO DO HORIZONTE SÓCIO-CULTURAL

Ana Maria Accorsi Mariath
PUCRS

"O profeta diz a todos: "Eu vos trago a verdade.", enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: "Eu te trago a minha verdade." E o poeta, quanto mais individual, mais universal, pois cada homem, qualquer que seja o condicionamento do meio e da época, só vem a compreender e amar o que é essencialmente humano." Mario Quintana

O ensino da língua materna, línguas estrangeiras e literaturas, não só a nacional, como também as estrangeiras, vem, novamente, causando acaloradas discussões no nosso meio. Essas discussões se relacionam a questões como o objetivo, a função, a metodologia a ser empregada, as teorias em que se baseiam os estudos, o valor e a aplicabilidade dessas disciplinas com referência à formação global do aluno.

Particularmente, o presente trabalho se propõe a levantar questões relacionadas à leitura, ou, academicamente falando, ao estudo da literatura estrangeira em nossas instituições de ensino, detendo-se especificamente na discussão do seu valor e da sua implicação no alargamento do horizonte sócio-cultural de nossos leitores/alunos.

Num primeiro momento de discussão nos indagamos, de forma mais geral: por que valorizamos a compreensão e interpretação de textos literários e incluímos seu estudo nos cursos de 3º, 2º e 1º graus? Ou, em seguida, qual a função das disciplinas que enfatizam o estudo de textos literários na formação do aluno?

Parece, entretanto, surpreendente e preocupante o fato de

que, ao buscarmos respostas para essas perguntas, constatamos, muitas vezes, que, do ponto de vista do aluno e, por que não dizer, de algumas instituições de ensino, o estudo da literatura seja apenas uma das disciplinas inseridas no currículo geral, servindo somente como mais um dos requisitos para que o aluno passe nas provas finais de uma etapa ou de um ano para o outro.

Esta primeira constatação se torna alarmante quando nos damos conta de que tal atitude não está ocorrendo somente com relação ao estudo da literatura em particular, mas que, atualmente, ocorre também com os estudos humanísticos em geral. Parece estar havendo uma tendência social e pedagógica generalizada mais imediatista que vem tentando solucionar apenas problemas e situações que o aluno encontra no seu mundo imediato (mercado de trabalho ou comunicação com seu meio social, por exemplo), em detrimento de tentar incentivar o desenvolvimento intelectual, cultural e global, todos vitais para o ser humano. Esta forma de encarar o assunto tem gerado reações confusas, semelhantes ao exemplo que segue:

Será que 'desgastante' horas de estudo sobre um Machado, um Sófocles, um Cervantes, um Shakespeare, um Camões, um Molière, um Dostoievski, um Joyce, entre outros, trarão imediatamente um resultado que auxilie nosso aluno a se movimentar dentro da realidade brasileira que o cerca, uma vez que esta mesma realidade estão tão distante desses autores-valores do que dos atuais e brasileirosssimos Janete Clair, Gilberto Braga, Dias Gomes, Fernando Gabeira ou de situações como inflação, repressão, pobreza, oportunismo, corrupção, ambição, autoritarismo ou até constituinte?

Notamos, além disso, algo também interessante. O aluno intuitivamente, ou até por memória (de tanto ouvir seus professores falar), sabe — porque expressa claramente nas aulas — que a importância do estudo literário reside no fato de que eles ampliam seus conhecimentos sobre elementos culturais, história, etc., de regiões quer do país de origem ou de países estrangeiros desconhecidos para eles até aquele momento. No entanto, parece-nos que os alunos não entendem, na sua maioria, o que isso significa num sentido mais amplo e a longo prazo, como contribuição para o seu desenvolvimento como seres humanos. Pode-se dizer até que

suas respostas, já automatizadas, às fichas de leitura que acompanham seus estudos de literatura não lhes possibilitem ir além de um nível de pura e simples identificação (na sua maioria, nem mesmo de interpretação) de fatos, personagens, lugares, rimas (ab, bb, ba, cd, cd. . .) das obras que leram, deixando de lado a compreensão do real sentido da obra em questão.

No meio deste contexto, como justificar a relevância do contato do aluno com as literaturas brasileira, em particular, e estrangeiras, em geral? Como tornar este contato efetivo, enquadrando-o num sistema contextual global sócio-cultural? Vamos, pois, tentar discutir caminhos.

Sem entrar em pormenores teórico-literários, podemos dizer que ao escrever uma obra o escritor tenta nela interpretar, o mais fielmente possível, a vida humana — a nossa vida — em sua complexidade, e a realidade que o cerca. O leitor, ao ler e fazer uma interpretação das histórias que lê e das ações e interações das personagens na obra, por sua vez, interage com o autor. Quando isto acontece podemos dizer que o leitor experimenta, vivenciar, alguma coisa pessoalmente junto com o autor, e que, de certa forma, compreende, pelo menos um pouco, aquela vida que o autor viu e está lhe mostrando. Mesmo havendo discordâncias sobre a forma de interpretar o mundo entre autor e leitor, acontece uma nova experiência para o leitor quando em contato com esta nova interpretação do mundo. Em suma, todo contato com a literatura causa no leitor alguma mudança interna, quer reforçando, quer criticando, quer polemizando os horizontes valorativos do seu mundo e da sua vida.

Além disso, como Mayhead (1965:10) aponta, as novas experiências vivenciadas através do texto literário ampliam o conhecimento do leitor, oferecendo-lhe situações e fatos que provavelmente ele não teria condições de viver no curto espaço de tempo que tem para viver: novas situações sociais, históricas, geográficas, religiosas, novos relacionamentos interpessoais, novos costumes, etc.

Ora, se conforme Rousseel (1985:s/p), o indivíduo não possui um conhecimento objetivo de seu universo cultural arbitrário e que, portanto, não o julga como um dado relativo, e se o contato com outra cultura pode provocar uma reflexão objetiva sobre a cultura materna e assim quebrar a tendência ao etnocentrismo, nada nos parece mais óbvio do que o fato de que o desencadea-

mento dessa reflexão também seja feito através do contato com a literatura. Este contato, que gera uma compreensão e um novo conhecimento, leva o leitor a um questionamento, fazendo com que sua própria cultura seja vista com um distanciamento mais crítico, relativizado, e, conseqüentemente, com que a cultura materna seja atualizada. Assim, torna-se difícil justificar o afastamento do estudo das literaturas estrangeiras do 1º e 2º graus; portanto, o que realmente nos resta saber, para que justifiquemos este afastamento, é qual o interesse que as instituições educacionais e culturais do nosso país têm em proporcionar essa integração e esse distanciamento crítico da realidade. Aliás, para que se afaste o 'fantasma' da dominação cultural, cabe ressaltar o fato de que, através da literatura, a integração faz-se num nível não de assimilação de uma identidade ou cultura pela outra, e sim num nível compreensivo e crítico, o que, com certeza, expande o horizonte cognitivo de desenvolvimento do indivíduo.

Nesse ponto, vários poderão perguntar qual será, objetivamente, a contribuição que o conhecimento sobre, por exemplo, um nobre guerreiro escocês, depois Rei da Escócia, Macbeth, e sobre sua luta ambiciosa pelo poder absoluto, trará para o nosso conhecimento sobre os fatos históricos, sobre a Escócia, sobre o pensamento do homem elizabetano-maneirista ou sobre a nossa vida no século XX. Em resumo, qual o valor daquela circunstância para a vida de um estudante brasileiro nos fins do século XX?

Esse nos parece ser um ponto crucial que acarreta muitos desentendimentos e falhas metodológicas no que se refere ao estudo das literaturas. A integração com o fato literário não pode ser tomada de forma circunstancial, mas, primordialmente, de forma significativa, para que aquilo que o nosso aluno leia tenha alguma significação para ele como ser humano total. O que o autor conta ou mostra não é a sua vida ou a vida de heróis, mas a nossa vida. É, pois, refletindo objetivamente com distanciamento sobre ela que chegaremos ao conhecimento daquilo que o tempo limitado de nossas vidas não nos permitiria experimentar, nem conhecer. O que o leitor lê tem a ver com a sua vida e, além do mais, expande-a, ampliando, portanto, sua competência do mundo. O leitor não precisa, necessariamente, experimentar na realidade, mas somente projetar-se na experiência ficcional, mesmo quando naturalmente um fato lhe pareça inaceitável.

Não há (adaptando um exemplo de Mayhead — op. cit.: 29) nenhum significado em sabermos que Shakespeare é importante

por ser um clássico e por apresentar temas de significação universal, e que seu estudo ampliará nossos conhecimentos sobre elementos culturais, históricos, se não nos dermos conta de que pertencemos ao mesmo universo a que pertencem as personagens de Shakespeare. As histórias da ambição de Macbeth ou do sofrimento de Rei Lear concentram dramaticamente a ambição e o sofrimento da humanidade como um todo: "experimentar este drama é aprender mais do que se poderia conhecer de outro modo sobre a humanidade da qual se é apenas uma pequeníssima parte.", diz Mayhead.

É claro que, para o nosso aluno gaúcho, particularmente, personagens como Ana Terra ou Capitão Rodrigo poderão ser mais familiares, mas afirmaremos, com certeza, que um Macbeth, um Rei Lear, um Hamlet ou um Mr. Higgins não deixarão de dizer o mesmo para ele como ser humano.

Acabamos de tocar, em diagonal, num outro ponto importante que é o da competência da cultura materna e de sua interferência na compreensão de textos literários. Muitos têm considerado que a competência da cultura materna interferiria na compreensão de fatos e experiências proporcionados pela leitura de literaturas estrangeiras, uma vez que os costumes, códigos e convenções sociais e religiosas são estranhos à forma do nosso leitor olhar o mundo. Entendemos que não deveríamos, entretanto, como professores, supervalorizar essa interferência, uma vez que quando ela acontece é, quase sempre, do tipo circunstancial, importante, mas não essencial, para a compreensão da obra como um todo. Assim como certamente não se afirmaria que um estrangeiro não entenderá uma obra da literatura brasileira por não conhecer 'Copacabana' ou 'chimarrão' ou 'aucarajé', não podemos afirmar que a interferência na compreensão da obra está no desconhecimento de nossos alunos sobre a 'neve' ou sobre um 'maple-tree' ou sobre 'Covent Gardens'. (Não nos referimos aqui a problemas desse tipo causados por obras do porte de um *Ulysses* de James Joyce ou de um *Grande sertão, veredas* de Guimarães Rosa, por exemplo.)

Consideramos, metodologicamente, que abordagens específicas de descrição detalhada de fatos estranhos à cultura materna como os citados anteriormente, por exemplo, não auxiliam necessariamente para a compreensão da obra e, mais uma vez, concordamos com Mayhead (op. cit.: 35), o que se deve levar em conta

é o que realmente importa na obra e não o incidental. Exagerando: o professor que leva uma série de apetrechos para tomar chimarrão para sua sala de aula e toma chimarrão com seus alunos em aula porque a obra que estão lendo menciona o hábito gaúcho de tomar chimarrão está discutindo um fato incidental na obra — o fato de as personagens gaúchas tomarem chimarrão e o chimarrão em si, talvez — e não a obra. Da mesma forma aquele professor que tentar indicar a importância do sentimento que a neve traz para as pessoas do hemisfério norte do planeta e levar gravuras e dar explicações técnico-científicas sobre a neve para seus alunos deverá saber que não estará acrescentando quase nada à compreensão da obra em si por seus alunos. Explicações desses detalhes não devem tomar o lugar da obra em si, pois, como diz Mario Quintana (1985:82), “cada homem, qualquer que seja o condicionamento do meio e da época, só vem a compreender e amar o que é essencialmente humano.”

O estudo da literatura, tanto nacional como estrangeiras, é um processo de interação e de integração com o texto literário, pois só ele poderá, mostrando formas diferentes de ver o mundo, estabelecer um processo de ampliação do horizonte sócio-cultural do leitor-aluno. Os valores diferentes ou iguais que se apresentam proporcionam ao leitor um novo reconhecimento de si como ser humano e identificam, de certa maneira, seu lugar, sua função e posição no mundo.

O fato de nossas instituições educacionais e culturais estarem ou não preparadas para desenvolver essa função, transmitindo e, principalmente, acreditando na sua validade e viabilidade, é outra questão que deverá ser investigada e solucionada no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MAYHEAD, Robin. (1965) *Understanding Literature*. Cambridge, Cambridge University Press.
2. QUINTANA, Mario. (1985) Do caderno H, Carta a jovem poeta. In: *Isto É*. n.º 449.
3. ROSSEEL, Eddy. (1985) O horizonte sócio-cultural em segunda língua. (mimeo. s/p).